

A PREVENÇÃO DE AIDS NA ESCOLA *

Raquel Souza Lobo Guzzo
(PUCCAMP)

GUZZO, R.S.L. *A prevenção de aids na escola. Estudos de Psicologia*, 10(1): 141 - 144, 1993

Gostaria em primeiro lugar de agradecer à coordenação desta mesa redonda, Prof. Saulo Monte Serrat por ter aberto o espaço para a área de Psicologia Escolar no debate de tão importante tema, principalmente ao lado de dois dos mais sérios profissionais que trabalham pelos jovens e adolescentes deste país, Dr. Rubem Alves e Dr^a Silvia Belucci. Espero poder apresentar considerações sobre este tema que demonstrem sobretudo a importância do papel do psicólogo escolar nesta área.

As cifras em relação à Aids apontam para uma grande explosão desta doença na sociedade do futuro (40 milhões de pessoas contaminadas no ano 2000 segundo a OMS). Esta ameaça tem resultado em sérios problemas de relacionamento social sobretudo em relação ao preconceito e as marginalizações. Ainda segundo a Organização Mundial de Saúde, das pessoas contaminadas em todo mundo pelo vírus HIV, mais de um milhão serão crianças nascidas de mães soropositivas.

Diante desta realidade a prevenção se torna uma estratégia de intervenção urgente para minimizar os efeitos da contaminação na vida de pessoas e grupos soropositivos, tanto quanto afastar as possibilidades de mais contaminações em grupos de risco.

Em todo mundo, o psicólogo escolar vem assumindo responsabilidades de planejar, implementar e avaliar programas de prevenção primária no ambiente escolar. Os programas de prevenção tiveram um grande impulso na sociedade americana desde 1984, quando o Instituto Nacional de Saúde registrou que 19% da população americana sofria alguma desordem psicológica, concluindo que não haveria suficiente profissional de saúde para o atendimento e controle das doenças mentais. A prevenção passou então a ser enfatizada como uma estratégia de impacto, de grande escala

para controle das doenças psicológicas e a construção da saúde mental da população (Price, Cowen, Lorion e Ramos-Mckay, 1990).

A partir desta data, foram estimulados programas preventivos envolvendo a sociedade como um todo, principalmente as escolas, os alunos, os professores e os pais.

A situação em relação à Aids parece ser até mais ameaçadora. Os grupos de risco continuam crescendo e alterando suas características. A descrição epidemiológica apresentada por Cabanes e Chevallier (1990) com dados da evolução da Aids em todos os países e continentes, alerta para o fato de que cada vez mais mulheres e crianças, incluindo aí os adolescentes estão se contaminando e desenvolvendo a doença. As evidências tem demonstrado à nível internacional, que o grupo de risco hoje se constitui de adolescentes de 13 a 17 anos. Por esta razão a escola tem sido considerada como um alvo importante para os programas de prevenção primária.

Diante desta breve exposição sobre o problema, a minha apresentação tem como objetivo tecer algumas informações sobre programas de prevenção de Aids nas escolas, usando como referencial a experiência que um grupo de psicólogos tem apresentado nas reuniões da Associação Internacional de Psicologia Escolar apoiados pela UNESCO (Dekleva and Markisimovic, 1991; Jackobsen, 1991; Jost, 1990; Guillemard, 1990; Johnson, 1990):

(1) Os programas de prevenção dos países envolvidos (França, Dinamarca, Estados Unidos, Alemanha e Eslovênia) focalizam prioritariamente alunos de 12 a 18 anos.

(2) Quando os programas envolvem menores de 12 anos, geralmente estão incluídos em atividades de caráter geral e regular das escolas, educação para a saúde, educação sexual, etc.

(3) Os programas produzem material pedagógico que refletem a influência de hábitos e atitudes culturais de cada país em particular. Cuidados especiais são tomados para a elaboração de materiais a serem utilizados nos programas pela dificuldade em se transferir as informações entre países com diferentes tradições culturais.

(4) Os professores tem sido as pessoas alvo para desenvolvimento de programas de prevenção, entretanto necessitam de orientação, treinamento e acompanhamento por equipe técnica multidisciplinar incluindo aí o psicólogo e o médico, no caso da prevenção a Aids.

(5) Além do apoio e acompanhamento aos professores, a equipe multidisciplinar mantém contatos também diretamente com os alunos, para favorecer a abertura e a discussão mais direta da relação individual com a doença.

(6) A eficácia dos programas tem sido relacionada ao planejamento de diferentes estratégias de intervenção que associam a **informação** aos alunos sobre processos de transmissão da doença, os comportamentos de riscos, o controle desses comportamentos, etc., à técnicas de aconselhamento visando a mudança de atitudes e de comportamentos para se proteger da contaminação.

A presença dos psicólogos nas equipes de planejamento e desenvolvimento de programas de prevenção da Aids nas escolas tem contribuído para eficácia dos mesmos, principalmente relacionada às conseqüências psicológicas sobre estruturas familiares e desenvolvimento afetivo e cognitivo de crianças e adolescentes, quando se envolvem em questões ligadas à contaminação pelo HIV (Mansour, 1990).

Dificuldades psico-sociais decorrentes da contaminação de crianças tem sido foco de atenção nos programas de prevenção primária nas escolas. A convivência nas escolas, por exemplo, com crianças soropositivas tem estimulado um trabalho com os sentimentos, emoções e representações relacionadas à Aids em populações não contaminadas. A depressão, a tristeza, a perda de identidade, a baixa auto-estima, sentimentos de culpa, medo, a insegurança, o preconceito, a rejeição, a perda de expectativas no futuro, a raiva, as obsessões e compulsões são alguns dos estados psicológicos que afloram nos indivíduos, tanto de grupo de risco, quanto da população normal e já contaminada, quando se trabalha a questão da Aids.

Considerando-se os níveis de prevenção e suas características (Cowen, 1986) pode-se dizer que a partir de uma base generativa de dados, serão necessários o planejamento de estratégias de intervenção para o nível primário, mas também secundário e terciário. As perspectivas para o Brasil apontam para um trabalho em primeiro lugar, de geração de dados relacionados à doença, programas de informação e programas de aconselhamento envolvendo orientação a comportamentos sexuais.

Embora no Brasil já existam experiências positivas em relação a projetos de educação sexual nas escolas, são ainda tímidas as propostas para a prevenção e sensibilização a Aids. É preciso que a comunidade educativa, pais, alunos, professores, administradores e técnicos se empenhem em promover e construir a saúde em crianças e jovens, de modo a amenizar as pessimistas previsões para a sociedade do futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABANES, P.A.; CHEVALLIER, E. (1990) Epidemiologie de l'infection à VIH et du S.I.D.A. **Le Synteses Bibliographiques**. Centre International de L'Enfance, Paris.
- COWEN, E. (1986) Primary Prevention in Mental Health. In: M. Kessler and S.E. Goldston (Ed) *Adecade of progress in Primary Prevention*. University press of N. England.
- DEKLEVA, B. and MARKSIMOVIC, Z. (1991) Youth Workshop - a primary prevention program for secondary school pupils: description and evaluation. **Abstracts of XIV ISPA Colloquium, Braga, Portugal**.
- GUILLEMARD, J.C. (1992) La prevention du S.I.D.A. à l'école. **Anais do I Congresso Brasileiro de Psicologia Escolar, São Paulo: Ed. Átomo**.
- JACKOBSEN, E. (1991) Aids prevention in the Schools. **Abstracts of XIV ISPA Colloquium, Braga, Portugal**.
- JOHNSON, D. (1992) Prevention Programs in the Schools, **Anais do I Congresso Brasileiro de Psicologia Escolar, São Paulo, Ed. Átomo (no prelo)**.
- JOST, I. (1990) Preventive attempts in the Germany primary school system. **Abstracts of XIII ISPA Colloquium, Newport, USA**.
- MANSOUR, S. (1990) Les retentissements psychologiques de l'infection a VIH sur l'enfant et sa famille. **Les Syntheses Bibliographiques**. Centre International de L'Enfance, Paris.
- ROSENBROCK, (1989) R. Prevention and Health Promotion in the Federal Republic of Germany. **Paper present at Conference on "Community Participation and Empowerment Strategies in Health Promotion**. Zentrum fur Interdisziplinare Forshung - Universitat Beilefeld, pag. 79.

AVALIAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO

Geraldina Porto Witter

Os cursos e programas de Pós-Graduação constituem a base principal da formação quer de docentes universitários, quer de pesquisadores, bem como o cerne da produção científica. Basta lembrar estes aspectos para reafirmar a relevância de se cuidar da avaliação dos mesmos.

Avaliar nunca é tarefa fácil, sendo particularmente complexa quando se trata da Pós-Graduação. Isto implica na definição clara e precisa de conceitos, de critérios, de políticas de avaliação e de credenciamento de tais cursos. Mesmo tendo conseguido consenso sobre a matéria, a implementação da avaliação implica na superação de dificuldades que vão desde a elaboração dos instrumentos até as atitudes negativas e, por vezes anti-científicas, dos que negam a possibilidade da avaliação ou a temem, dos que militam contra qualquer forma de avaliação de forma aberta ou encoberta. A avaliação é parte integrante do fazer ciência, mas mesmo nos programas de Pós-Graduação, há muitos que se empenham, consciente ou inconscientemente, na expansão da anti-ciência. Às vezes este empenho aparece camuflado sob a forma de propostas de avaliações exclusivamente "qualitativas" ou "iluminativas". Em outras situações aparece como a negação pura e simples da possibilidade de se conduzir qualquer avaliação.

Quando se conseguem instrumentos confiáveis cientificamente, quando se vence as barreiras gerais já mencionadas, há ainda a enfrentar as próprias dificuldades da atividade de avaliação e as decorrências do ato avaliativo. Os dados da avaliação devem ser usados para revisar, ajustar e melhorar os programas, a produção científica e tecnológica, o desempenho de alunos e de professores, as linhas de pesquisa, a inserção da Pós-Graduação na Universidade e redirecionar sua ação face aos seus compromissos implícitos com a produção de conhecimento, a melhoria da vida, o desenvolvimento do homem e da sociedade. Embora isto seja expresso fácil e frequentemente como parte do discurso verbal, na prática nem sempre se concretiza. Muitas vezes a avaliação torna-se fim, é feita por ser feita, e não como meio para fins mais elevados. Outras vezes pode mesmo ter suas finalidades deturpadas e servir a fins até mesmo desprezíveis, servindo a